

# **ANSEIOS REVOLUCIONÁRIOS: A Revolução Mexicana vista pelo movimento operário brasileiro**

Fábio da Silva Sousa <sup>1</sup>

**Resumo:** Apresento nesse artigo alguns pontos de minha dissertação “OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira (1910-1920)”, na qual investiguei como os jornais operários, editados pelos militantes fabris do período da Primeira República do Brasil, interpretaram e divulgaram o processo revolucionário que definiu as características do México moderno.

**Palavras-chaves:** Revolução Mexicana, Imprensa Operária, Movimento Operário.

Em uma passagem do romance *O Século das Luzes*, de 1962, seu autor, Alejo Carpentier, escreveu que os que falam de revoluções acabam tornando-as realidade. Tal passagem literária encontra um ponto de simetria com o tema que será apresentado nesse breve artigo, pois, em um momento bastante particular, uma revolução foi imaginada, escrita, teorizada e, por fim, tornou-se realidade. Trata-se da quase centenária Revolução Mexicana.

Essa revolução que incendiou o México no início do século XX, segundo Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer, para alguns setores da sociedade mexicana não foi prevista. Em seus estudos, os dois autores afirmam que havia uma atmosfera de paz no território mexicano, de tal forma que o jornal *El Imparcial* afirmou aos seus leitores, que uma revolução seria um acontecimento improvável em meados de 1909 (AGUILAR CAMÍN & MEYER, 2000:13).

Todavia, no período denominado pela historiografia mexicana como Porfiriato<sup>2</sup>, predecessor do período revolucionário, convulsões sociais já evidenciaram as

---

<sup>1</sup> Mestre em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista, UNESP. Contatos: fabiosilvasousa@hotmail.com.

O presente texto foi apresentado em forma de comunicação oral no X Congresso Internacional da Brazilian Studies Association, BRASA, no dia 23 de julho de 2010, na sessão de trabalho “Anarquistas e anarquismos no Brasil: histórias, atualidades, releituras”. Essa investigação de mestrado foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, no período de julho de 2008 a julho de 2010.

contradições consequentes do desenvolvimento capitalista e da modernização do México. Dos distúrbios ocorridos nesse período, os mais significativos foram a greve operária nas minas de cobre da companhia estadunidense *Cananea Consolidated Company S.A*, em Cananea, no Estado de Sonora, em 1906, e, um ano depois, a paralisação na fábrica têxtil de Río Blanco, no Estado de Veracruz. Ambas as manifestações foram violentamente reprimidas por Porfirio Díaz.

No caso de Cananea, houve uma intervenção, aprovada pelo governador Rafael Izábal, de 275 *rangers* estadunidenses que contribuíram na repressão e na execução dos mineiros grevistas (CABRAL, 1974: 81-87). Em Río Blanco a repressão elevou-se a um nível de violência superior à barbárie de Cananea:

Hombres, mujeres y niños eram sacados de sus viviendas y fusilados em los cuarteles. Algunos huían hacia las colinas. Hasta ahí eran perseguidos y asesinados” e no levantamento realizado por Salvador Hernández Padilha, 1.571 dos 7.083 trabalhadores das indústrias têxteis onde aconteceu a paralisação, foram em sua grande totalidade assassinados. Poucos conseguiram escapar com vida (PADILHA, 1984:76-77).

Outra similitude desses dois acontecimentos foram que ambos tiveram a participação do Partido Liberal Mexicano, PLM, em suas atividades de protesto ao regime porfirista. Fundado em 30 de agosto de 1900, por Camilo Arriaga, com a publicação do manifesto *Invitación al Partido Liberal*, o PLM reunia em seu quadro diversos intelectuais liberais que tinham como proposta inicial combater o poder clerical mexicano, tendo como inspiração os princípios da constituição de 1857, formulada por Benito Juárez, e que reduziu drasticamente o poder eclesiástico no México (COCKCROFT, 1971: 87). Contudo, na era porfiriana, essa cláusula da Constituição foi praticamente ignorada, permitindo que a Igreja volta-se a ostentar diversos privilégios na sociedade mexicana. A radicalização do PLM iniciou-se com a chegada de Ricardo Flores Magón e também como uma reação à grande violência promovida pelo regime porfiriano: “O aumento de repressão por parte do governo levou o partido a deslocar-se rapidamente para a esquerda, que logo assumiu características e manifestações anarco-sindicalistas” (KATZ, 2002: 90).

A crescente hostilidade ao regime de Porfirio Díaz aumentou gradativamente, e atingiu também a classe média mexicana, com a oposição política empregada por

---

<sup>2</sup> O período do regime de Porfirio Díaz conhecido como Porfiriato ou *Pax Porfiriana* cronologicamente abrangeu os anos de 1876 até 1911. Desses 35 anos, Díaz não esteve no comando do México apenas de 1880 a 1884, quando o país foi governado pelo general Manuel González.

Francisco Madero no final de 1908, após uma entrevista do então ditador ao jornalista estadunidense James Creelman, no mês de janeiro do referido ano. Nessa entrevista, Díaz afirmou que estava preparado para deixar o cargo máximo do governo mexicano, e respeitaria a dinâmica de troca de dirigentes promovida pelo regime democrático:

Puedo separarme de la Presidencia de Méjico sin pesadumbre o arrepimiento; pero no podré, mientras viva, dejar de servir a este país [...] Es muy natural en los pueblos democráticos, que sus gobernantes se cambien con frecuencia. Estoy perfectamente de acuerdo con ese sentimiento (DÍAZ. Apud HERZOG, 1960: 130)

Após a publicação dessa entrevista, Madero lançou a sua candidatura de presidente do México. Contudo, contrariando as suas próprias declarações concedidas a Creelman e sustentando a alegação de que não havia nenhum candidato preparado para substituí-lo, o velho ditador afirmou que se manteria mais uma vez no poder e, acusando Madero de sedição, decretou a sua prisão, ocorrida em junho de 1910, poucos dias antes das eleições presidenciais. Mantendo o seu ímpeto, Madero conseguiu fugir de seu cárcere, exilou-se na região do Texas, EUA, e de lá continuou a sua campanha contra o regime porfirista. O ponto alto de suas ações culminou-se com o lançamento do Plano de São Luis Potosí, onde conclamou que a revolução, que derrubaria Díaz se iniciasse às seis horas da tarde do dia 20 de novembro de 1910. O levante idealizado por esse documento começou antes da data prevista, no dia 18, devido ao assassinato de seu aliado Aquiles Serdán (Cf. BARBOSA, 2007: 02 ; Cf. BRENNER, 1985).

A divulgação desse plano transformou em ações o sentimento de repúdio ao governo de Díaz pela população mexicana, e a Revolução, enfim, ganhou o país inteiro, com levantes na região norte comandadas por Francisco “Pancho” Villa e Pascual Orozco, e, com objetivos diferentes, que incluía a restituição de terras comunais, Emiliano Zapata insurgiu-se na região sul (Cf. BARBOSA, 2007: 03). O México entrava em um caminho sem volta e essa Revolução, que teve dia e hora para começar, tomou proporções jamais imaginadas pelo autor do Plano de São Luis Potosí.

O fusil havia se tornado o melhor amigo do mexicano.

No Brasil, as primeiras décadas de oposição ao regime republicano foram caracterizadas por uma crescente organização sindical de tendência anarquista, protagonizada pelo movimento operário. Núcleos de resistência e educação libertárias foram fundados, diversos periódicos publicados e vários militantes, entre eles Edgar Leuenroth, José Oiticica, Martins Fontes, Orlando Corrêa Lopes, Avelino Foscolo,

Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Elvira Boni, Gigi Damiani, entre outros, procuraram, por diversos meios, propagar o ideal ácrata e fomentar também, uma revolução.

Foram eles, além de outros diversos militantes anônimos, que acompanharam a Revolução Mexicana pelas páginas da imprensa operária.



Fig. 01 – Mapa político do México

Os círculos fabris e de orientação anarco-sindicalista da Primeira República do Brasil, acompanharam as notícias sobre a Revolução Mexicana por meio de seus jornais operários. Esses periódicos, escritos por tais operários, em sua maioria possuíam quatro páginas, sendo que a última era reservada para eventuais anúncios. A primeira página se destacava por matérias de impacto, de denúncia ou de conscientização, que tais editores, se empenhavam nas letras em passar aos eventuais leitores dessas folhas de combate. Apresentadas essas características materiais desse produto cultural, em minha investigação de mestrado (Cf. SOUSA, 2010), detectei que oito publicações – *A Guerra Social*, *La Battaglia*, *A Lanterna*, *A Vanguarda*, *A Voz do Trabalhador*, *Na Barricada*, *Germinal!* e *O Cosmopolita* – do período de 1911 a 1918, publicaram um total de 64 matérias sobre o México revolucionário, como pode ser conferido na tabela que segue abaixo:

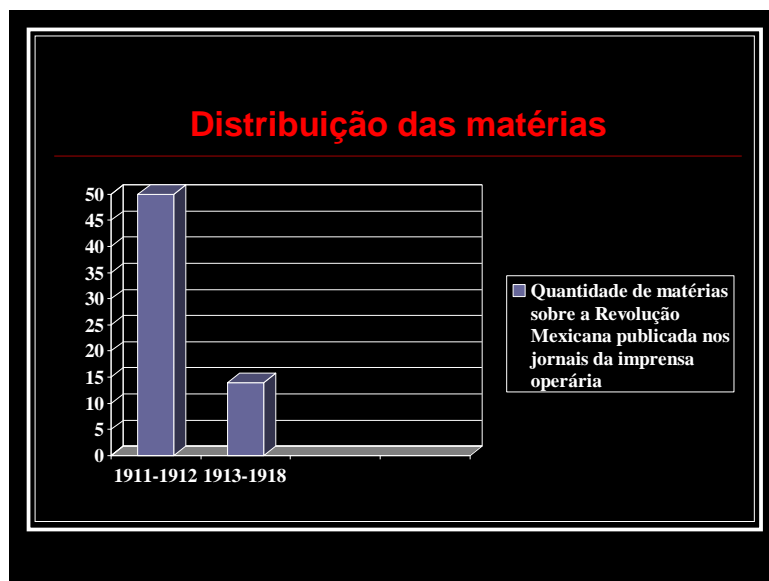


Fig. 02 – Tabela gráfica e quantitativa das matérias

Na tabela acima, evidencia-se um contraste na publicação das matérias: não houve nenhum material impresso publicado em 1910 no ano em que a Revolução estourou, sendo que os primeiros informes começaram a ser veiculados no ano seguinte. Da passagem de 1912 para 13, é bastante perceptível uma diminuição espantosa na quantidade de material publicado nos jornais operários sobre o processo revolucionário mexicano, que de 50, passou para 14 artigos ou notas. Como explicar essa diminuição intensa no período mais intenso do México revolucionário?

A explicação para essa questão encontra-se na fonte de informações utilizadas pelos operários letrados desses jornais libertários. Ao contrário dos impressos de grande circulação, como o *Estado de S. Paulo*, *OESP*, que utilizou diversas notas das Agências internacionais de Notícias em busca de informações sobre a Revolução Mexicana (Cf. DIAS, 2009), os jornais operários obtinham suas informações sobre esse evento, por meio do periódico anarco-sindicalista *Regeneración*.

O *Regeneración*, publicação oficial do Partido Liberal Mexicano, PLM, foi fundado em agosto de 1900, pelos irmãos Ricardo e Jesús Flores Magón, na Cidade do México. Publicado até meados de 1918, teve um papel bastante significativo na divulgação de ideais anarquistas e anarco-sindicalistas no período revolucionário mexicano. Chegou a ter 30.000 exemplares distribuídos e, como consequência da intensa perseguição política imposta aos seus editores, durante anos foi editado nos Estados Unidos (Cf. BARTRA, 1977).

A folha oficial do PLM circulou nas Américas (Cuba, Uruguai, Argentina e Brasil) e na Europa (Espanha, França, Inglaterra, etc.), e divulgou uma leitura radical sobre os acontecimentos revolucionários mexicanos. No caso das Américas, Cuba foi um ponto importante de distribuição do *Regeneración* e de divulgação, entre os anarquistas do continente americano, dessa leitura libertária da Revolução Mexicana. Da Califórnia, os membros do PLM enviavam pelo correio alguns exemplares camuflados do *Regeneración*, com destino a Havana, e de lá, *¡Tierra!* publicava algumas informações sobre a situação mexicana em suas páginas e também, redistribuía a folha anarquista mexicana para a Espanha e outros países da América Latina.



Fig. 03 – Da esquerda para direita: um retrato de Ricardo Flores Magón, a primeira página do número de estréia do *Regeneración* e um mapa demonstrativo da circulação do *Regeneración* com o periódico *¡Tierra!*<sup>3</sup>

Com uma linguagem anárquica, que inicialmente colocava o proletariado como o protagonista do processo revolucionário mexicano, substituído por camponeses imbuídos de um “comunismo primitivo”, os artigos de Ricardo Flores Magón foram recebidos com entusiasmo pelo movimento operário brasileiro. Para esses trabalhadores, a Revolução em curso no México, indubitavelmente, se caracterizou como uma insurgência de características libertárias. Esse contato e confiança foi tão intenso, que o jornal anti-clerical *A Lanterna* arrecadou diversas subscrições de apoio aos revolucionários do México, que em sua concepção, eram representados pelo PLM.

Contudo, com o acirramento da Revolução e com a interrupção de circulação do *Regeneración*, decorrente de um inevitável esgotamento logístico e financeiro do PLM, o apoio e o espaço da Revolução Mexicana nos jornais operários do Brasil decaiu

<sup>3</sup> A imagem do mapa, agradeço imensamente a Alejandro de la Torre.

vertiginosamente, como já foi exposto. Do lado nacional, as folhas libertárias não tinham uma regularidade de circulação e alguns títulos, como *A Guerra Social* que foi o periódico que mais deu espaço ao México revolucionário em suas páginas, deixou de sair às ruas em 1912.

Nesse cenário, a Revolução Mexicana representou os anseios de organização e de questionamentos realizados pelos operários da Primeira República do Brasil sobre sua própria condição, principalmente nos anos de 1911 e 12. Todavia, esse apoio dos operários do Brasil para com os revolucionários no México não se manteve ao longo dos anos e se esvaneceu, assim como as diversas vidas que tombaram perante as carabinas dessa revolução que completará, cem anos.

## **Bibliografia**

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. **À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea. 1910-1989.** Trad. Celso Mauro Paciornik São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **20 de Novembro de 1910: a Revolução Mexicana.** São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). **Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la Revolución de 1910 a través de su periódico de combate.** México: Ediciones Era S.A., 1977.

BRENNER, Anita. **La Revolución en blanco y negro. La historia de la Revolución Mexicana entre 1910 y 1942.** México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

CABRAL, João Batista Pinheiro. **O Partido Liberal Mexicano e a Greve de Cananea.** Brasília: Depto de Filosofia e História da UNB, 1974.

CARPENTIER, Alejo. **O Século das Luzes.** Trad. Stella Leonardes. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985.

COCKCROFT, James D. **Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913).** México: Siglo Veintiuno editores S.A., 1971.

DIAS, Natally Vieira. **O MÉXICO COMO “LIÇÃO”. A Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais: Minas Gerais, 2009.

HERZOG, Jesus Silva. **Breve Historia de La Revolucion Mexicana.\* Los antecedentes y la Etapa Maderista.** México: Fondo de Cultura Economica, 1960.

KATZ, Friedrich . **O México: A República Restaurada e o Porfiriato, 1867 - 1910.** In: BETHELL, Leslie (org). História da América Latina: de 1870 a 1930. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag. Vol V. 2002. p. 23-103.

PADILHA, Salvador Hernández. **El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900-1922.** México: Ediciones Era S.A., 1984.

SOUSA, Fábio da Silva. **OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira (1910-1920).** Dissertação (Mestrado em História e Sociedade). Universidade Estadual Paulista: Assis, 2010.